

# CONSIDERAÇÕES TECNOLÓGICAS ACERCA DAS FÍBULAS DA MESETA NORTE

Salete da Ponte

RESUMO.—Este presente artigo ocupa-se de um núcleo bastante restrito de fíbulas existentes na Meseta Norte, cujo apêndice caudal assume as formas de cachimbo, de dado, de cone e de torre.

Com esta amostragem enumeraremos as considerações tecnológicas que entendemos úteis para o estudo das fíbulas peninsulares.

Estas considerações são de ordem histórica e técnica; no primeiro grupo incluiremos a nomenclatura, morfologia, cronologia e temática decorativa das espécies; no segundo agruparemos os métodos de estudo (observação à lupa binocular, análises radiográficas, metalográficas e espectrográficas) e técnicas de fabrico (soldagem, forja, fundição em molde, polimento e limagem; incisão e estampagem).

Por fim apontaremos quais a razão e significado deste estudo, tendo como tabela comparativa os exemplares transmontanos.

## 1. Introdução

Este artigo ocupa-se de um núcleo bastante restrito de fíbulas existentes na Meseta Norte—são as fíbulas de pé, ou seja, de apêndice caudal em forma de cachimbo, de dado, de cone e de torre<sup>1</sup>.

Esta amostragem (Fig. 1) reúne, do ponto de vista morfológico características que a individualizam e que estão largamente divulgadas em obras da especialidade<sup>2</sup>.

O estudo técnico destes objectos—bem como o da generalidade das fíbulas—tem sido interpretado como um simples anexo ao estudo tipológico destas espécies; nós, porém, entendemo-lo como um complemento necessário à compreensão dos processos de fabrico e até do valor da própria tipologia.

## 2. Metodologia

Não basta situar as fíbulas no espaço e no tempo; é necessário—numa primeira abordagem—conhecer a sua estrutura e composição química; a primeira determina-se por meio do exame metalográfico e por raios X, enquanto a segunda pela análise espectrográfica (RX não destrutiva).

O estudo tecnológico pode comprovar a procedência do metal ou da liga metálica, e, até ampliar os horizontes da actividade e técnica metalúrgicas por áreas e culturas de produção e distribuição.

Além disso a diversidade de trabalhos sobre moldes e técnicas de fundição, bem como o da localização de fornos, concorrerão necessariamente para o estudo global e analítico das fíbulas peninsulares.

## 3. Tipo Meseta Norte

Estas fíbulas foram classificadas por W. Schüle<sup>3</sup>, atribuindo-lhes uma feição estilística pecu-

<sup>1</sup> Cf. SALETE DA PONTE, *A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular*, «Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», Guimarães, 1980, vol. II, p. 111-119 (= S. PONTE, *Noroeste Peninsular*); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 148.

<sup>2</sup> Cf. S. PONTE, *Noroeste Peninsular*, p. 117; cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 148, Fig. 59.

<sup>3</sup> Cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 148, Fig. 59.

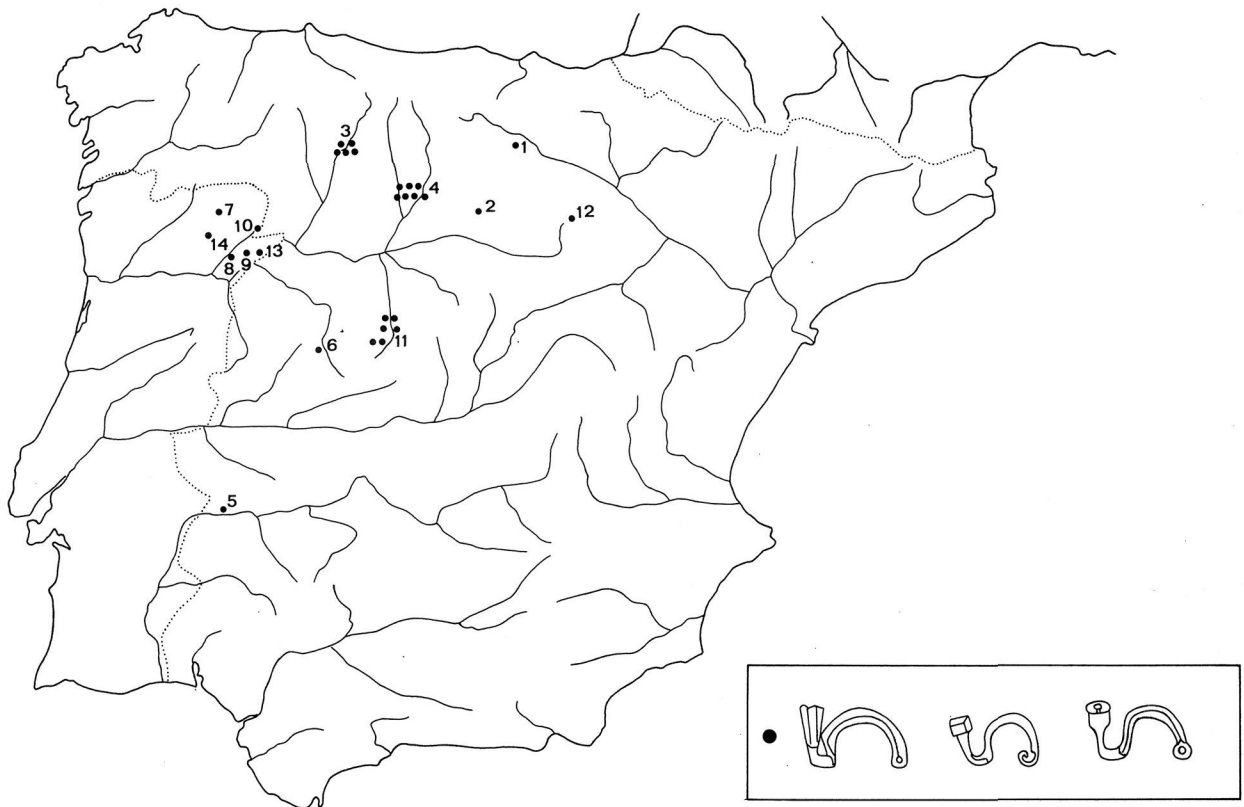


Figura 1. Distribuição das fíbulas de tipo «Meseta Norte».

liar e concentrânea com uma área cultural bem definida; desconhece-se, efectivamente, a sua composição metálica e técnicas de fabrico.

Era desejável proceder ao estudo tecnológico destas fíbulas e relacioná-las com outros modelos mais modestos do NE transmontano; estabelecer uma tabela qualitativa sobre a composição metálica destes objectos; examinar as técnicas metalúrgicas (forja e fundição em vários tipos de molde), e decorativas (incisão e estampagem); relacionar o perfil iconográfico destes modelos com o destas e outras áreas geográficas; traçar as rotas de comercialização e fixar as áreas de produção e distribuição. Convém não esquecer que o artífice metalúrgico, quando afastado dos centros produtivos ou das zonas ricas em minério, praticava a re-fundição de antigas peças para o fabrico de novos modelos.

É sabido que estes modelos influíram no fabrico de fíbulas da Galiza e Norte de Portugal nos começos do séc. IV a.C.<sup>4</sup> Não sabemos, porém, em que mol-

des se processou essa influência. Além disso, o NW Peninsular ocupa um lugar de destaque na área metalúrgica do ouro e do bronze. É de referir que alguns dos modelos de «tipo Meseta» são de ouro<sup>5</sup>, em contraste com a grande maioria, de bronze.

Para o conhecimento das técnicas de fabrico destes modelos faltam dados precisos nas publicações arqueológicas peninsulares.

Impõe-se, então, uma revisão e estudo dos materiais já publicados; torna-se necessário proceder a uma verdadeira «prospecção arqueológica» nos museus quanto à existência de materiais metalúrgicos (crisóis, tortas e lingotes de fundição, moldes, etc.) que tenham relação directa ou indirecta com estas fíbulas<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Cf. S. PONTE, *Fíbulas*, p. 132, nºs 33 e 34 (pé em forma de dado e de torre; prov. de *Estrada e Castro de Vinhais*).

<sup>6</sup> Este estudo está a ser efectuado pela autora relativamente às fíbulas existentes nos museus portugueses.

<sup>4</sup> Cf. id. *ibidem*, p. 69.

**Índice de proveniências**

1. *Miraveche* (Prov. de Burgos); cf. W. SCHÜLE, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1969 (= SCHÜLE, *Meseta*), p. 248 e 249 (fíbula com apêndice caudal em forma de torre).
2. *Villamarón* (Prov. de Burgos); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 248 (em forma de torre).
3. *Lancia* (Prov. de León); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 248 e 249, Fig. 59a, c, e (em forma de torre).
4. *Monte Bernório* (Prov. Palência); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 248 e 249 (em torre).
5. *Mérida* (Prov. Badajoz); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 248 (em torre).
6. *Cerro del Berrueco* (Prov. de Salamanca); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 249 (em torre).
7. *Castro de Vinhais* (Vinhais); cf. SALETE DA PONTE, *Fíbulas de sítios a norte do rio Douro*, «Lucerna», p. 132, n.º 34 (= S. PONTE, *Fíbulas*) esta peça é de ouro e encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (M.N.A.E.); cf. CELESTINO BEÇA, *Antigualbas Transmontanas*, «O Archeologo Português», Lisboa, 1905, vol. X, Fig. 1, A-E; cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 249 (em forma de torre).
8. *Castro da Solhapa* (Duas Igrejas); cf. S. PONTE, *Fíbulas*, p. 133, n.º 37 (esta peça é de bronze e encontra-se no Museu da Terra de Miranda do Douro-M.T.M.), em forma de torre.
9. *Castro da Aldeia Nova* (Miranda do Douro); cf. S. PONTE, *Fíbulas*, p. 132, n.º 35, em bronze e em forma de torre (M.T.M.).
10. *Castro da Cocolha* (Vimioso); cf. S. PONTE, *Fíbulas*, p. 132, n.º 36; MARTÍN HOCK e LUÍS COELHO, *Materiais metálicos da coleção arqueológica do Museu do Abade de Baçal em Bragança*, «O Archeologo Português», Lisboa, série III, vol. VI, 1972, p. 219-251 (p. 225, n.º 6, foto 7); cf. JOSÉ FORTES, *As fíbulas do Noroeste Peninsular*, «Portugália», Lisboa, 2, 1905-08, p. 15-33 (p. 21 e 30, Fig. 22); cf. RUY DE SERPA PINTO, *As fíbulas do Museu Regional de Bragança*, «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Porto, 1931, V, p. 90-95 (p. 94) peça em bronze e em forma de torre (Museu do Abade do Baçal-M.A.B.).
11. *Cardenosa*, Las Cogotas (M.A.N.); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 249; *Chamartín de La Sierra*, La Osera (M.A.N.) peças em forma de torre.
12. *Numância* (Prov. de Sória); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 148, Fig. 59D (em forma de torre).
13. *Estrada* (Macedo de Cavaleiros); cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 148, Fig. 55c; cf. S. DA PONTE, *Fíbulas*, p. 132, n.º 33 (em ouro e em forma de dado-M.A.B.).
14. *Vila Chã da Barçiosa* (Miranda do Douro); cf. J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 1913, vol. III, Fig. 55; cf. SCHÜLE, *Meseta*, p. 148, Fig. 56; cf. S. DA PONTE, *Fíbulas*, p. 132, n.º 32 (em bronze e em forma de cachimbo-M.N.A.E.).